A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 80 — PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

As grandes rusgas em Lisboa

(Croquis feito no interior dum calaboiço do Governo Civil pelo nosso desenhador).

Após uma rusga nocturna, um grupo de vadios apanhados na rede da policia, sem descanço num calaboiço do Governo Civil, onde um nosso desenhador os vai surpreender.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 25 DE JULHO DE 1926 — N.º 80

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Os grandes criminosos

Os grandes criminosos não são apenas os homens que aparecem no noticiario tragico dos jornais. Podem e devem considerar-se grandes crimes os desleixos, as incurias e as incompetencias dos individuos de quem o acaso da vida fez depender a solução dos problemas vitais da comunidade.

O partido democratico, que aliás tem ainda nas suas fileiras algumas, poucas, personalidades de incontestavel merito, é, principalmente, o responsavel de crimes que a Historia jámais perdoará aos portugueses de hoje.

Bastava o facto de ter sido, com curtos intervalos, o detentor do poder durante dezasseis anos e ter deixado no estado em que deixou as vias terrestres de comunicações, para a sua condenação ser inapelavel.

Tendo creado junto duma pequenissima «élite» honesta um exercito de insaciaveis tubarões, viu-se esse organismo na necessidade de desdobrar até ao infinito a legião dos funcionarios publicos inuteis, que só vieram perturbar a vida dos precisos, mas desequilibrar todo o sistema economico. E hoje, toda a ansia de viver que o Paiz inteiro respira esbarra contra essa montanha inexpugnavel: o funcionalismo politico!

Dinheiro e vergonha

Pode dizer-se que as estradas portuguesas estão destruidas porque não temos dinheiro para as manter. Nem dinheiro, nem vergonha.

E se não, veja-se uma estrada—Lisboa—Cintra—Cascais—o nosso circuito de grande turismo, não tem nada que o desculpe para estar no horrivel estado em que se encontra. Só o desleixo maximo, a incompetencia criminosa, o desbragamento formidavel e abandono sordido a que chegaram os nossos serviços publicos o explica.

Nem no Marrocos do kalifado, nem na Russia dos soviets.—Não procurem—só neste Portugalsinho dos democraticos! Livra!

Dr. Carlos França

Morreu o eminente bacteriologista português. Está de luto carregado a sciencia mundial. O professor França, mais conhecido e mais considerado no extrangeiro que no seu paiz, era uma alta individualidade.

Apesar de alguns jornais se terem esquecido de evocar no momento da sua morte a sua nobilissima vida, ficará no campo da sciencia por muito tempo a memoria do dr. Carlos França.

ELECTRICIDADE

—Isto é um curto circuito, como eu julgava...
—O senhor chama-lhe curto, e ha mais de tres horas qu'isso está assim!...

Má língua

PALAVRAS FRANCAS...

Nestes tempos de falta de franqueza
em que a Verdade traz o rol em branco,
treme de mêdo e pasmo a grey gauleza
ao ver sem remissão, cahir o franco.

Chautemps, que se apossou do Interior,
parece não quadrar a muita gente
que entende que no tempo do calor
não era lá preciso o tempo quente.

O Painlevé abaixa a fronte anciosa,
tóma medidas, numa furia vã.
Perpassa uma agonia dolorosa
acobreando a face de Briand:

Renault, actual ministro da Marinha,
vê-se inseguro no logar, e roe-se;
combate-o, facilmente se adivinha,
toda a cavallaria do Rolls-Royce.

Robaglia (Aeronautica) não tem
muita estabilidade na cadeira;
parece certo que por lá tambem
iá vae sendo demais a roubalheira.

André Hesse, ministro da Instrucção,
como certas tolices escrevesse
fez dizer a um conspicuo figurão
todo desdém: —faltava lá mais esse!

A Marinha Mercante não atura
o Malarmé, por causa da armação,
Lambert, um alto-comissario á altura,
não se póde lamber com a officção.

Na sombra das alfurjas negregadas
vae machinando, se calhar, Caillaux.
Ha já muitas manobras combinadas
para pôr R. I. P. no Herriot.

E a França beira a torto e a direito
num phrenesi espasmodico e romantico,
contra a Inglaterra, para além do Estreito,
e contra os yankees, para além do Atlantico.

Chama-se á Albion muita palavra horrivel
num referver de exaltação latina.
Limpar os odios velhos?!—Impossivel
como limpar a Mancha com benzina!

E o franco desce, desce de corrida,
desce, saltando em solavancos tetricos,
aquella mesma ingreme descida
que teve tantos marcos . . . kilometricos;

e vão surgindo palleativos varios
da esquerda radical . . . Coisas fataes,
porque só dictadores reaccionarios
podem tomar medidas radicaes.

E' que na França generosa e fraca
que tantas macacôas incommodam,
tambem ródam politicos de Ambaca
nos autos dos politicos do Ródam.

Faça o que fez a Italia, a Grecia, a Hespanha,
a propria Grã-Turquia, e ella verá.
Certas crises resolvem-se á castanha.
Prefira ao De Monzie um Cármônâ. . .

Seja o Golpe de Estado detestado
por quem tiver receio ao bisturi . . .
Um povo velho é escravo do Passado;
desfaz-se em pó se o arredar de si.

Foi-se a baixo a lição da Encyclopedia
que deu na Historia um trambolhão de traz.
Antes a «escuridão» da Idade Media
que sempre foi um Sol de maior luz!

Assim Maurras pudesse dar por finda
a tremenda entrudada desse entrudo . . .
Nessa hora grande, victoriosa, e linda,
a França,—e atraz della outros ainda . . .—
daria ao franco o seu melhor escudo! . . .

TAÇO

questão prévia

VERIFIQUEI, ha dias, numa reunião de amigos (que, na sua maioria, pelo menos ha quinze anos se não viam), que a mocidade interpretada como estado de saude do espirito é susceptivel de perdurar atravez da propria devastação fisica, em que são mais evidentes sinais exteriores a desastrada queda do cabelo e a inevitavel terceira dentição—em placa ou a *pivot*.

Definitivamente me convenci de que se pode ter um filho no liceu, reumatismo nas articulações e prisão no ventre e continuar a ser-se alegre e a encarar o mundo risonha e roseamente, com generosidade, com indulgencia e com outras virtudes que aligeiram os negrumes e adoçam as arestas que, por vezes, se formam na vida.

E' evidente que eu não preconiso a receita de Democrito como panaceia unica, nem me proponho ter o fim desopilante da falecida Maria Rita, mas em beneficio da saude moral e até fisica dos meus contemporaneos proclamo como ginastica indispensavel ao espirito, para lhe manter a elasticidade moça, o optimismo e o bom humor.

O que faz criar bolôr nas almas, o que propicia o desenvolvimento do virus implacavel da mazombice—a terrivel doença que entre nós ataca mesmo as creanças de peito—é a gravidade, estado morbido do espirito tido e havido como virtude social e que Eça fixou no Eusebiosinho, dos «Maias»—fase infantil das boas maneiras e proposito—e no Conselheiro Acacio—a idiotia da gravidade na fase adulta, com todas as manifestações inerentes, desde o preciosismo rebuscado e vasio do palavriado até ao esmero de não cruzar as pernas diante de senhoras.

* * *

O leitor dirá consigo, perante tanta insistencia em louvor do bom humor:

—Mas este homem, que tanto gaba o sorriso e a despreocupação, não vai, ao menos, serio e grave no seu «coupé», quando acompanha um enterro?

Em primeiro lugar eu acompanho enterros o menos que posso e, se me fosse possivel fazer-me representar no meu, talvez nem a esse fosse. Eu segundo lugar, como a franqueza é irmã gemea da mocidade, eu vou comovido ou indiferente, conforme se trata duma pessoa amiga que deu a sua demissão da vida, ou dum sujeito que eu mal conhecia de vista e que só as complicações da sociedade me obrigam a acompanhar em passo de funeral. Chóro com sinceridade ou aborreço-me francamente e é nesta nitidez bem definida de sentimentos e sensações que reside a boa disposição do espirito—porque a verdade é que se pode estar triste e bem disposto, visto que a tristeza, filha do espirito, é tão natural como a alegria.

O que se não pode é desesperar, fazer a vida negra aos outros e a nós proprios, ser intolerante, egoista, autoritario, frenético. Pensar quando se está doente que a saude ha-de voltar, é meia cura—Crêr firmemente que todas as dôres, por mais violentas, se atenuam e passam, dá uma sensação imediata de alivio. Não atribuir aos outros a causa das semsaborias que a vida nos depare, explicar as contrariedades tão naturalmente como as «chances» se explicam, sublinhar com um sorriso de inteligencia o que quasi toda a gente reprova com um murro de furia destruidora, são meios de prolongar a mocidade pela boa disposição do espirito. Se á pratica destes principios juntarem o sacrificio voluntario da gloria de salvarem o país, verão os meus leitores como o espirito se lhes mantem ligeiro e o cerebro arejado, mesmo sob o abafante capachinho das idades provectas e carecas.

Feliciano Santos

ECOS

A' Administração Geral dos Correios

Ao oficio da dignissima direcção dos serviços de exploração Postal, que recebemos sobre o caso dos roubos nos correios, temos a dizer o seguinte.

As cartas que recebemos ás dezenas, provenientes de todo o paiz e especialmente de Lisboa, e que deviam conter dinheiro e não o tinham, estavam violadas grosseiramente. Onde lhe faziam essa operação? De facto as cartas deviam ser registadas. Mas nas pequenas consultas de 1 escudo esse registo é impossivel obter dos clientes.

Desde a fundação deste jornal que oferecemos gostosamente aos Correios bastantes exemplares gratuitos de «O Domingo». Temos muitos amigos na corporação. Merecenos a maior simpatia a classe telegrafo-postal, a quem na medida das nossas forças seremos sempre uteis e amaveis. Apesar disso vimos com tristeza que semanalmente nos são roubadas muitas dezenas de jornais e que os roubos no dinheiro das consultas eram permanentes. Os factos concretos são estes. Mais não sabemos dizer. Quere a administração que publiquemos a lista semanal das reclamações que recebemos e que são da responsabilidade dos correios? Mas encheriamos uma coluna do jornal! Que se fiscalise, que se policie, se isso é possivel, eis o que suplicamos—mais nada!

Concurso de caixas de fosforos

A Sociedade Nacional de Fosforos, orientando-se no louvavel intuito de conseguir uma boa apresentação dos seus produtos, abriu um concurso para etiqueta de caixa de fosforos.

IGNORANCIA

—Meu caro senhor, eu tenho a consciencia do seu valor!...
—Mas eu é que não sei o valor da sua consciencia!...

O DOMINGO ilustrado

Humorismo

crónica alegre

A PENA DO SILENCIO.

Algumas horas depois deste jornal circular eu terei abalado no Sul-Expresso e durante largas semanas estarei ausente desta terra portuguêsa. Aquêles que se sintam dispostos a invejar-me e a rogar-me uma enfiada de pragas direi que de bom grado lhes cederia o meu logar pois que esta vilegiatura me é imposta pela minha saude

e terei de passar num sanatório especial duma montanha francêsa pelo mênos dois mêses do mais absoluto silencio. Eu, que tenho levado a minha vida a falar pelos cotovêlos, não faço idéia nenhuma do que seja estar sessenta ou mais dias absolutamente calado. Emfim, já que me tem sido dado ver cousas curiosas, vou ver mais esta. Descrevem-me essas casas de repouso, que na primeira reflexão podem parecer tristes, como bastante alêgres, pelo contrário. O dificil em outros pontos, onde se reunem pessoas de varias nacionalidades, é conseguir que elas se entendam. Um ésquimó vê-se a perros para se explicar com um castelhano; um suêco vê-se grêgo para compreender um abexim. Ali não. A lingua universal do gesto põe toda a gente á vontade e fazem-se excursões, joga-se, praticam-se desportos, dança-se sem que haja mal entendidos, confusões, palavras mal soantes, etc... Ao invez daquêle convento em que os reclusos só quebram o silencio para dizerem uns aos outros, ao encontrarem-se nos claustros e corredores: «Irmãos! E' preciso morrer», ali, segundo consta, não se diz nada, mas todos tratam de exprimir por sorrisos e piscadelas de olho, a resolução firme de melhorar e de se agarrar á vida com dez unhas e trinta dois dentes. A disciplina é violenta. Quem dê á taraméla, e portanto o mau exemplo aos companheiros, é despedido sem remissão. Por mim, estou convencido que, assim como os colegiais se vão esconder para fumar ás escondidas, os clientes da Casa do Silencio devem por vêses buscar o isolamento e aí falar, mas em voz alta, com os próprios botões para terem a certeza de não ter perdido totalmente aquéla faculdade de dizer tolices que distingue o homem dos outros animais.

E afinal, para quem tem vivido quasi exclusivamente da sua imaginação, talvez o silencio não seja tão doloroso como parece. Depois ha sempre um auditor da maior condescendencia a quem muito se pode dizer sem soltar um pio: o papel, almaço ou velino, liso ou pautado.

Com êle cavaquearei. Confiar-lhe-ei as minhas impressões e esperarei o fim do meu castigo, a não ser que não possa sofrê-lo totalmente e, uma bela manhã, abale correndo pelos Alpes abaixo até chegar á porta do Martinho e aí possa desforra-me falando, falando, falando ... para não dizer mais nada.

SORTE

—Então o senhor é o unico sobrevivente dum naufragio? Como foi isso?
—E' que eu perdi o vapor quando ia embarcar...

BÔA MUSICA

Passou-se ultimamente em Paris uma comédia muito engraçada. O sultão de Marrocos, nosso primo Moulay Youssef, veiu a Paris para festejar a cessação das hostilidades. Entre várias festas que lhe estavam preparadas figurava uma recepção no Hotel de Ville. Ora entre a municipalidade parisiense figura um certo numero de comunistas. Estes, adversarios da guerra e portanto amigos de Abd-el-Krim que, durante anos, poz o Riff em sangue, anunciaram com antecedencia o propósito de se associarem á recepção dum modo muito especial, significando ao nosso correligionário Youssef a antipatía com que o destinguem. O prefeito da cidade estava muito embaraçado. O Sultão, apesar de marroquino, não é tôlo de todo e ficaria decerto mal disposto ao ver-se recebido com apupos e assobíos por uma parte da edilidade que o convidava. Mas eis que surge uma ideia salvadôra. No dia da recepção os convites foram escrupulosamente distribuidos. Os convidados foram repartidos por varias salas e tratou-se de juntar os comunistas que ficaram radiantes e esperaram, de apitos na bôca, que surgisse ao longe o *burnous* do sultão. Apenas, porem, este despontou e os assobios começaram, todas as cornetas da guarda republicana e as da guarnição de Paris, reunidas por detraz dos protestantes romperam a marcha da *Aida*. No terraço ao lado, duas bandas de musica tocaram cada uma o seu passo dobrado e, mais adeante, os coros de Charpentier, no efectivo de quatrocentas vozes, executaram um côro guerreiro. No meio deste charivari os assobios dos comunistas nem se ouviam, tanto mais que uma porção de *convidados* da secreta atroava os ares com vivas ao sultão e á sua ex.ma familia. Moulay Youssef nunca na sua marroquinissima existencia tinha ouvido tanto barulho junto. Ficou, ao que parece, encantado.

Quanto ao presidente da Republica Francêsa que entrara no Hotel de Ville com o coração pequenino e angustiado, esse sorria e dizia, tapando os ouvidos á surrelfa:

—A parte musical é admiravel.

Os vereadores comunistas ainda não conseguiram digerir aquela brincadeira. Vingaram-se aderindo em massa ás manifestações de desagrado de que

foi alvo Primo de Rivera. Aí, o governo francês fechou bastante os olhos. Era necessario assinar-se os acordos acerca de Marrocos; mas a França não esquece ter sido éla a resolução da guerra que a Hespanha nunca teria concluído.

E ha tambem ainda as velhas contas da guerra grande e da celebre *neutralidade* hespanhola. Essas não é o prestigio pessoal de Afonso XIII que as saldará.

COMERCIO E INDUSTRIA

Na loja do sapateiro:

Uma cliente (batendo o pé no chão) —Este sapato aperta-me um bocado.

O sapateiro (muito amavel)—Vóssencia bem sabe que o cabedal alarga sempre com o andar.

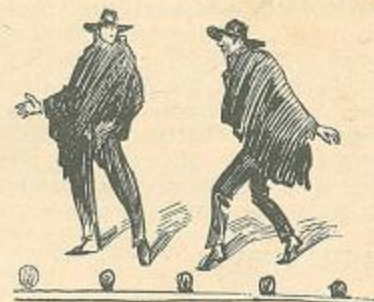
Outra cliente (dando uns passos)—O defeito que lhe encontro é estar-me um pouco folgado.

O sapateiro (com a mesma amabilidade)—Não se esqueça que o cabedal sempre encolhe um pouco, principalmente se se molhar.

Terceira cliente (satisfeitissima)—Magnifico! Sinto-me admiravelmente vontade...

O sapateiro (sempre com o mesmo sorriso)—Com a vantagem do cabedal nem apertar nem dar de si...

O TEATRO E A VIDA

Representa-se um drama histórico

com uma casa ás moscas. Não ha sete espectadores no teatro.

1.º conspirador (Entrando) — Estamos sós?

2.º conspirador (Apontando a sala) —Quasi...

ANDRÉ BRUN

Novos colaboradores

Lino Ferreira

O brilhante comediografo e revisteiro, autor de tantas peças de teatro de sucesso marcado, Lino Ferreira, vai colaborar em o «Domingo». E' uma boa nova para os nossos leitores. O que Lino Ferreira escrever será sempre interessante e sempre bemvindo.

Francisco Lage

O espirituoso e brilhante dramaturgo vai colaborar tambem em o «Domingo». Brevemente as suas primicias como jornalista honrarão as paginas do nosso jornal. Os leitores, como nós, espera las-ha anciosamente.

CAUTELA

—Para que dás o nó no lenço?
—Para não me esquecer de que tenho de pensar em ti, meu amor!...

O DOMINGO ilustrado

Curiosidades

A ARANHA PESCADORA

Na Africa do Sul há uma variedade de aranha, que tem o nome scientifico de *Thalassius Spencerie* e o nome popular de «aranha pescadora». Esta designação provem da seguinte habilidade que caracterisa este animal: coloca-se á beira da água, segurando-se aos bordos com duas patas apenas, e estendendo as outras seis por sôbre a água; em seguida, fica imovel, para não perturbar a superficie liquida. Nesta incómoda posição espera que algum peixe incauto apareça ao seu alcance e, logo que isto sucede, ela mergulha com a rapidez do raio e agarra-o, prendendo-o violentamente e arrastando-o para a margem, onde o devora.

UM DEUS VIVO

O «dalai-lama» ou «pancheu-lama» do Thibet, no qual, segundo a crença dos thibetanos, está encarnado o espirito de Buddha, é um deus vivo, um deus de carne e osso. Segundo uma antiquissima tradição dos religiosos de Lhassa, a cidade santa, são ali criadas, entre jejuns e orações, algumas crianças, desde a mais tenra idade, crianças que se tornam dignas de encarnar o espirito de Buddha. Quando morre um «dalai-lama», logo o seu espirito passa para uma dessas crianças, sendo assim que o convento de Llassa consegue ter sempre o seu deus-vivo.

UM ANUNCIO TENTADOR

Num numero do ano passado do jornal «Le Telegramme», que se publica em Boulogne-sur-Mer, encontra-se o seguinte anuncio:—*Precisa-se de cozinheira para duas pessôas. 400 francos por mês. O senhor lava a louça e servirá à meza. A senhora arrumará o quarto.* Dirigir-se *a M. Z... Tél. Boulogne.*

OS RAIOS X E A ARTE

No Fozz Art Museum, da Universidade de Haward, procedeu-se recentemente a uma interessantissima experiencia sobre o uso dos raios X e seu emprego na resolução de alguns problemas de arte. A experiencia fez-se sobre um retrato de mulher, atribuido a Franz Pourbous, o moço (nascido em Antuerpia, em 1569). O retrato era bem do seculo de quinhentos, mas o rosto estava todo retocado por algum mediocre artista do seculo XIX. Era muito duvidoso se, limpando a tela, apareceria o primitivo rosto, ou se apenas resultaria um irreparavel prejuizo. Os raios X provaram que o antigo rosto existia, quasi intacto, e que valia bem a pena tentar a restauração. Quem sabe se o X da questão dos nossos paineis de S. Vicente não estará apenas na aplicação dos raios X...

O CROCODILO E O CAIMÃO

Muitas pessoas julgam que estas palavras designam o mesmo animal. No entanto há certa diferença entre os hábitos do crocodilo e os do caimão. O primeiro vive indiferentemente na água doce ou salgada, ao passo que o caimão só se encontra na agua salgada.

a historia dum palacio historico

O palacio de Belem é anti-presidencial. De suas paredes adentro não admite chefes de Estado que não o sejam por direito divino. A velha morada realeza é fatídica para os presidentes da Republica. Dela saiu Manuel de Arriaga, o bondoso democrata, votado ao ostracismo pelos seus ingratos companheiros de ideal. De lá saiu o dr. Bernardino Machado, trocando á pressa o prosaico *pyjama* claro pelo manto romantico do proscrito... Ali repousou, vencido pela morte traiçoeira, o corpo esbelto e nervoso de Sidonio Pais, sacrificado á sanha politica. De lá tornou a sair o dr. Bernardino, ha poucos dias... De lá saiu o ditador Gomes da Costa, ha menos tempo ainda. Sim, decididamente, os ares de Belem não são propicios á saude politica dos presidentes da Republica.

Tudo indica que será melhor não insistir e fechar para sempre o casarão fatidico onde noivou a ultima rainha de Portugal e onde nasceu um róseo principe, adolescente e puro, que teve a morte dum lobo daninho, varado a tiro numa esquina de Lisboa. Feche-se o casarão sem graça; feche-se a ultima pagina da sua historia sem grandeza!...

O Paço de Belem veiu parar á corôa de Portugal, no tempo de D. João V, que o comprou ao duque de Aveiras, João da Silva Telo de Menezes, em 4 de Julho de 1726, ou seja, ha uns duzentos anos, quási contados dia a dia. O preço, pago ao duque de Aveiras, foi de duzentos mil cruzados, quantia tão avultada para a epoca como diminuta para os nossos dias, pois que esses milhares de cruzados, reduzidos a réis, não chegam a cem contos...

O palacio e terrenos adjacentes eram foreiros do mosteiro de Belem, mas o rei magnanimo reuniu generosamente esse fôro, pagando aos frades um padrão de juro de duzentos e sessenta mil réis.

O soberano mandou fazer obras e melhoramentos importantes no palacio e na quinta. Mas a fachada principal, que é constituida por cinco corpos, é ainda exactamente a mesma que existia quando o velho paço se tornou moradia régia.

As salas da parte da frente do palacio são amplas, deitando algumas das suas janelas sobre os jardins, donde se avista um panorama deslumbrante. A quinta tem largas ruas, ornadas com dois grupos estatuarios de relativo interesse artistico.

Uma dependencia do palacio—a parte chamada da Arrabida—foi um hospicio de frades arrabidos, quando o palacio ainda pertencia ao duque de Aveiras. Os frades tinham, ha muitos anos, um hospicio em Belem, que lhes fôra oferecido por umas caridosas damas. Mas, tendo estas falecido, perderam, dum momento para o outro, tão grande beneficio e ver-se-iam sem abrigo se o conde de Aveiras não lhes mandasse construir um, dentro do sua propriedade. Quando esta passou a fazer parte dos bens da corôa, o hospicio deixou de existir, mas nem por isso deixou de se chamar Arrabida á parte do palacio que os frades haviam ocupado. Ainda hoje esse corpo do edificio conserva a mesma forma, junto da ermidinha dos frades arrabidos.

Quando foram confiscados os bens ao Duque de Aveiro, por ocasião do atentado contra o rei D. José, anexou-se á quinta regia de Belem, para os lados da calçada do Galvão, uma parte do terreno que pertencera ao palacio dos duques.

O Pateo dos Bichos do paço de Belem é assim chamado por nele ter havido umas jaulas com varios animais, que os lisboetas iam ver ao domingo, tal como hoje vão ao Jardim Zoologico.

O Paço de Belem comunicava por um longo corredor com o palacio do Picadeiro, mandado construir por D. José, e onde passaram seus últimos momentos o duque de Aveiro, o marquês e a marquesa de Távora, o conde de Atouguia e os outros reus, mortos no cadafalso de Belem, na manhã de 13 de Janeiro de 1759, como implicados no gravíssimo sucesso do atentado regio. Diz-se que o cárcere onde os condenados aguardavam o momento do suplicio era situado no longo e estreito corredor que unia os dois palácios: o de Belem e o do Picadeiro.

Fronteiro ao paço de Belem ficava o cais, construido no ano de 1753, e que foi teatro de grandes scenas históricas, como a da partida dos jesuitas depois do decreto que os expulsou do reino, em 1759—; o embarque de D. João VI e da familia real para o Rio de Janeiro, em 27 de Novembro de 1807; o desembarque do infante D. Miguel, em 22 de Fevereiro de 1828, quando veiu como simples regente do reino em nome de seu irmão D. Pedro e quando os seus partidarios o receberam com a cantiga do «rei chegou...»

Como se vê, é curta a historia do velho paço de Belem e do scenario que o enquadra.

Por muitos anos morada de nobres, orgulhou-se de passar um dia a ser morada de reis e recusa-se agora a abrigar os naturais adversarios politicos dos que tornaram regios os seus muros pesadões.

UM PROGRESSO DA CINEMATOGRAFIA

Há bastantes anos que se tem procurado inventar um aparelho de impressão de fitas cinematográficas capaz de filmar o fundo do mar. Conseguira-se já construir um aparelho com esse fim, mas só dava resultado quando era usado em pequenas profundidades. Recentemente, porem, um engenheiro italiano experimentou um dispositivo que, no Mediterrâneo e no Adriático, á profundidade de 1.000 a 2.000 metros, produziu belas provas da vida submarina. A lampada que ilumina esse aparelho tem uma intensidade de 300.000 velas.

PINTURA LUMINOSA

Conta um jornal inglês que o imperador chinês Tai-Tsung, da dinastia de Sung, possuia um quadro, que representava uma vaca, a qual desaparecia do quadro durante o dia, para ir pastar, reaparecendo no seu lugar, á noite. Avisados os cortesãos do estranho sucesso, nenhum o soube explicar satisfatoriamente, mas chamando-se um sacerdote budista, este disse que os japoneses tinham descoberto, em determinadas especies de ostras, uma substancia luminosa, que guardavam para misturar com as tintas. As pinturas feitas com essas tintas eram só visiveis durante a noite, o que explicava o desaparecimento da vaca, durante o dia... Em Cantão, tambem se preparava, outrora, uma substancia luminosa, calcinando juntamente o enxofre e as conchas das ostras.

FANTASIAS DUM CALCULISTA

Sendo o diametro de um franco de 23 milimetros, com os 600.000 milhões de francos que, segundo os tratados, a Alemanha deveria pagar, como indemnisação total de guerra, poderiamos formar uma cadeia de 13.800.000 quilómetros, ou seja umas 36 vezes a distancia que vai da Terra á Lua. Se em vez de se fazer o calculo para francos se fizesse para luizes (moedas de ouro de 20 francos), tinhamos 30.000 milhões de moedas com o diametro de 21 milimetros cada uma, as quais, postas em fila, cobririam 630.000 quilómetros de comprimento, ou seja 14 vezes o perimetro da Terra. Como cada franco cobre uma superficie, aproximada, de 2 centimetros quadrados, a divida total alemã, convertida nessa moeda, cobriria 12 milhões de quilómetros quadrados.

VANTAGENS DOS UTENSILIOS DE ALUMINIO

Longe de ser perigoso, o uso do aluminio nos utensilios de cosinha é salutar, porquanto, mesmo que ele provoque a ingestão repetida de sais dêsse metal, a saude só lucraria com isso. A presença do aluminio é necessaria para a constituição das células orgânicas, estando esse metal muito espalhado pela natureza. A propria argila ou barro de que se fazem tantos utensilios de cosinha não passa de um silicato de aluminio.

TEATROS

cá por dentro

Erico Braga

Pereira Coelho, um dos autores do celebre «31» e tambem o autor dos numeros de maior sucesso do nosso teatro popular, escreveu os graciosissimos e felizes versos que se seguem, dedicados a Erico Braga. Porque o homenageado é, de facto, alguem que merece a nossa melhor estima e admiração, e porque a homenagem é em tudo pitoresca e original, e digna de quem a subscreve, com o maior prazer a arquivamos nas paginas de O Domingo.

Ao Erico

Na noite da sua festa no Teatro da Trindade

Eu pouco te conhecia,
Quando passavas, sentia
O teu perfume a Coty...
Achava-te um orgulhoso
Irritante, audacioso
E não me chegava a ti...

Olhava-te admirado
Vendo-te muito pintado,
As unhas todas vermelhas...
E uma linha muito fina,
Feita com tinta da China,
A marcar-te as sobrancelhas...

Na minha imaginação
Vivias como um carvão
Das revistas mundiaes...
Eras feito ás pinceladas
Como os «pasteis» do Barradas
E os «croquis» do Carvalhaes!...

E eu que sou um revoltado,
Mal ve tido e descuidado,
Sentia me incompativel
Com um homem tão bem posto,
Com tantas tintas no rosto
E vaidade inconcebivel!...

Afinal—má previsão—
Vi-te e perto e então
Reconheci a verdade:
Por debaixo dessa «vestia»
Ha só bondade e modestia
E muita simplicidade...

Passas a rir... e és serio
Falas muito... e tens criterio
Pões carmim... e és valente!...
Armas em «dandy» e em esteta
—Como se fosses pateta—
Sendo muito inteligente!...

Eu mentindo... és verdadeiro,
E's artista brazileiro
Tão portuguez... como eu sou!...
E's pobre... gastando *teca*,
Tendo cabelo... és careca,
Não sendo pae... és avô!...

Em resumo: és todo errado...
Emprezario... és contratado
Como artista de valor!
De forma que, no final,
No palco... é que és natural
E na rua... é que és actor!...

31 de Julho de 1926 — PEREIRA COELHO

palestras de café...

As fadas de cá e de lá

SE fizermos o balanço da nossa epoca teatral decorrida não faltarão aos pessimistas argumentos para provar que tudo vae pelo peor, graças a Deus. Não ha autôres, não ha actores e não ha publico. Meses decorreram sem que surgisse á luz da ribalta uma peça portuguêsa destas que secam a saliva no ceu da boca. Os autores da velha guarda adormeceram; quanto aos novos, esses que não podem com o talento que têm, não sei que trica e maranhas se urdiram, o certo é que os cartazes não nos deram novas dêles. O publico, terceiro elemento indispensavel duma função teatral, tambem se retrae e não comparece por mais amaveis convites que se lhe façam. Isto dizem as pessoas de mau humôr. As outras constatam que realmente as cousas não estão boas pelos rincões da Lusitania, mas, folheando as gazetas estrangeiras, verificam que tambem na terra alheia ha muito quem se queixe.

Em Espanha apregôa-se a decadencia do teatro. Não ha exitos marcantes; não ha esforços que mereçam ser assinalados.

Em França, nos balanços de fim de época, os criticos sevéros declararam sem ambages que está rôta a tradição do teatro, que a produção é inferior e comercialisada ao extrêmo, que as tentativas de vanguarda não correspondem ao que prometem, etc.

Na Alemanha o estribilho é o mesmo. Berlim teve durante o seu inverno quarenta teatros funcionando. Alguns dêles realisaram enscenações notaveis, especialmente duas ou trez de Max Reinhardt; mas, a qualidade da representação não supriu a das obras que, segundo afirma uma autoridade, foram duma indigencia lamentavel. O proprio teatro estrangeiro, que Berlim acolhe com a melhor disposição. não deu este ano obras que podessem aproximar-se da *Santa Joana* ou dos *Seis personagens á cata dum autor*.

O grande exito do ano berlinense foi uma comedia quasi burlesca *A vinha do Senhor*, que apenas no titulo se relaciona com a peça de Flers e Croisset. Tambem em Paris uma comedia bastante grossa *Mon curé chez les riches* extraída do livro de Vautel é quem mantem o *record* das representações e das receitas.

Em Berlim discute-se muito se o fracasso da maioria das emprêsas é devido á situação económica, á estirilidade dos autôres, á indiferença e ao mau gosto do publico, ás exigencias das *estrelas* ou á dificuldade de constituir companhias homogéneas...

Creio que por cá a ordem do dia ou da noite em todas as palestras de teatro é essa exactamente, sem alterar uma virgula.

Não o digam nada a ninguem, pois não vale a pena melindrar ainda que ligeiramente seja quem fôr, mas, pela minha parte, estou convencido que a culpa dos azares do teatro cá em casa ou lá fóra pertence quasi exclusivamente aos autôres. Façam-se boas peças e, quando digo boas peças, digo peças para o publico, que êle entenda, que êle sinta, que o interessem e, principalmente, que o divirtam. Tomêmos o publico como êle é; não queiramos servir-lhe viandas que êle nem sabe mastigar. Aproximêmo-nos dêle, sem transigir, é claro, com a grosseria que está por baixo da camadinha de verniz. Façamos teátro para o publico. Ou, então, concordemos todos que êle é intoleravel de estupidez e de mau gosto e abandonêmo-lo. Aguardêmos que, pela escola, pelo livro, pela conferencia, por todos os meios de educação emfim, se tenha feito um publico capaz de entender obras dramáticas de grande fôlego e escrevamos nessa altura as obras primas que neste momento *não vale a pêna* escrever.

Emquanto não chegamos a um acôrdo sobre este assunto e os outros que se lhe relacionam, consolêmos-nos pensando que a seara dos visinhos tambem não anda prospera, não desanimêmos e façamos a diligencia.

A. B.

comentarios

Uma assembleia geral

Um grupo de socios da Associação de Escritores e Compositores Teatrais — instituição que está destinada a vir produzir no nosso meio, e já produz, um benéfico efeito — requereu uma assembleia geral.

Sucede que a respectiva Direcção mandou dizer que alguns dos individuos que assinaram o requerimento da convocação não estavam em dia com as suas cotas e não eram portanto socios na efectividade dos seus direitos.

Ora acontece que esses socios têm tomado parte em assembleias anteriores e até têm falado, no mesmo estado de relações financeiras com a sociedade...

Sucede, portanto, de duas, uma: Ou os socios têm credito e então continuam no uso dos seus direitos com a responsabilidade da Direcção, ou não têm, e então deviam logo ter sido eliminados quando atingiram o periodo estatual para pagamento de debitos.

O que não está certo, quere-nos parecer, é o oportunismo da medida: a eliminação dos socios no momento em que convocam essa assembleia para criticar actos da direcção.

Ou será erro de visão nosso?

Um exemplo

A companhia de opera portuguesa que acaba de dar uma serie de espectaculos no teatro S. Luiz, com enorme interesse do publico veio dar-nos um exemplo dos errados preconceitos que tantas vezes nos animam em face das nossas faculdades.

A tentativa de Pedro Freitas Branco e desse nucleo de cantores liricos, lutando contra o sistematico descredito de que se rodeiam sempre as nossas iniciativas no campo de grande musica, bem merece de todos nós.

Pode-se e deve-se tentar a opera portuguesa. E' este o grande momento de começar a fazer valer o supremo direito que temos de viver—portugueses em Portugal—Portugal para portugueses! No teatro, como na musica, como na arquitectura, nada de estrangeiros!

A França e é a França defende-se em cada hora que passa com mais ardor contra a invasão dos extrangeiros no dominio das actividades artisticas.

Nós, se nos quizermos salvar como nação independente—e a independencia não é apenas a fronteira—temos que defender «à outrance» o artista e a arte portuguêsa. Guerra, e guerra aberta, violenta, implacavel contra o extrangeiro, eis o que é preciso!

S. Luiz — Fechado temporariamente.

Gymnasio — Fechado temporariamente.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — A peça «Leão da Estrela».

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Os Filhos».

Trindade — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O Patriota» e «Pomada Amor». Grande sucesso.

Apolo — «A Casa da Susana».

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Desiderio Bacelar

Novela originalissima em que o Reporter Misterio conta um caso verdadeiro e interessantissimo.

ANTES fosse uma novela de fantasia a historia que lhes vou contar! Ao menos vocês diriam que eu tinha espirito inventivo e eu proprio me acharia original indo buscar um tão invulgar tema. Sobre todas estas vantagens eu teria tido ainda a de não ter sofrido como sofri com o conhecimento deste caso real.

O homem cuja historia vai ocupar estas linhas chama-se Desiderio Bacelar e é brasileiro de seu nascimento. Conheci-o nas Pedras Salgadas, ha uns anos, no remanso duma tarde de Setembro, sob as folhagens densas do Parque. Antes o não tivesse conhecido!

Era, no seu todo, Desiderio Bacelar um homem correcto e banal. Trajava umas calças claras e um casaco largo de alpaca negra sobre o colete branco. O seu olhar fixo e nervoso oscilava continuamente por detraz duns oculos finos, de aros de oiro. Usava nessa tarde uma gravata lilás dum notavel mau gosto e sobre ela um alfinete tambem muito feio, com um topazio amarelo.

A sua face escura e macerada como a dos brasileiros doentes que procuram as nossas termas; o bigode já bastante branco.

Quem era na vida este Desiderio Bacelar?

Um solteirão rico, que fizera fortuna com um estanco na Bahia, a vender tabaco, e foi, mais tarde, empreiteiro de fornecimentos de bordo.

Foi a partir dos cincoenta anos que Desiderio Bacelar começou a sofrer. De quê? Eis aí o misterio da sua vida, a extranha rasão da sua morte.

* * *

O brasileiro de que lhes falo sofreu e morreu duma doença, ou antes duma feição da determinada doença que se revelou com um aspecto unico e imprevisto: a indecisão. Não blagueio.

Os medicos a quem falei, na sua maior parte, filiaram o caso de Desirio numa hereditariedade longinqua de infecções sanguineas. Mas a verdade é que não se encontra um caso semelhante.

Desiderio gosava em tudo um grande equilibrio organico e a sua vida fisica decorria sem os menores incidentes. A sua doença revelava-se apenas em espantosas e periodicas crises de indecisão.

Assim, bastava que um creado perguntasse: Deseja chá ou café?—Para que Desiderio Bacelar sofresse atrósmente. A sua visão cerebral turvava-se logo, desde que tinha que tomar uma decisão por pequena, por mais ridicula que fosse.

Fazia-se vermelho, perplexo, depois palido, e nada resolvia. Havia para ele perguntas que o feriam como punhaladas.

Dias tinha em que não conseguia sair de casa, indeciso sobre o fato a envergar. Então se um amigo entrava no quarto, se o proprio creado aparecia, Desiderio lançava-lhe um olhar de suplica ou uma frase extranhamente interrogativa. Levo este chapeu ou aquele?

E cumpria religiosamente o que lhe ordenavam.

Era um nevropata muito especial, e toda a sua curta vida sentimental que na opinião de alguns medicos o poderia ter salvo, é o que consta das linhas que seguem.

... hesitava horrivelmente, tremend., entre os dois chapeus ...

* * *

Foi a bordo do «Arlanza», quando da sua primeira viagem á Europa, que Bacelar conheceu Daisy Smith, uma loura inglesa como todas as miss Smith. Era uma rapariga seca, nervosa, alta, dum vermelho permanente nos malares salientes. Essa mulher foi o seu unico amor. Bacelar, que não era um sensual, tinha pela fina beleza de Daisy um culto «sui-generis». Punha-se a olha-la mudo, com o respeito de quem contempla uma estatua. Depois, como não sabia inglês, o brasileiro passava horas no «deck», falando-lhe por sinais, do mar, do ceu, e das mil futilidades de que se costuma falar com palavras.

Um dia Daisy percebeu que o brasileiro escrevia com o giz do marcador dum jogo de bordo a palavra «love», que lhe ensinára um creado.

Daisy sorriu. Noutro dia Bacelar mandou-lhe um brilhante magnifico. Ela aceitou. Até ao fim da viagem foi um «flirt». Mas a inglesa era uma viuva e tinha de ir a Londres. Bacelar tinha de ficar em Portugal. Esperaria aqui por ela. Foi a inesperada nostalgia que o afastamento de Daisy fez na sua vida a causa, talvez, dessa neurastenia especial que o atacou, e que se manifestara nessa horrorosa doença da indecisão.

Começou a exacerbar-se duma maneira afiitiva a sua pecha mental.

Uma vez presenciei esta scena dolorosa: Uma pobre pedia-lhe esmola. Bacelar levou a mão ao bolso do colete, para dar, como sempre. Mas depois hesitou, parou, tornou a meter o dinheiro, tornou a tirar, tornou a guardar, fez-se vermelho, pestanejou, depois tirou ainda de novo a nota e ficou com o braço meio estendido, incerto, indeciso. Felizmente a pobre mulher, tomando o gesto já pela dadiva, arrancou-lhe o dinheiro da mão. Bacelar respirou, emfim, e recuperou a serenidade.

* * *

Ultimamente, isto é, três mezes depois de eu o ter conhecido nas Pedras, Bacelar tinha chegado aos peores extremos.

Era já uma caricatura de si proprio. Via com favor cada nascer do sol. A sua unica felicidade era dormir. O proprio prazer da mesa era nele uma tortura. Tinham os creados que servi-lo, que tirar-lhe o prato quando entendiam e que temperar-lhe as comidas. Então ingeria taciturno e em silencio os alimentos. Gostava muito de ouvir falar e rir os outros, porque isso o distraia de si proprio.

Desiderio Bacelar tinha perdido o vapor ...

Mas, repentinamente, a gente descortinava-lhe naquele oscilar tremulo dos olhos que se tinha posto no seu cerebro mais uma terrivel interrogação. Que seria? A's vezes uma coisa infima de que nos não apercebiamos, mas que para ele era um drama.

* * *

A carta que ele recebera de Daisy, datada de Glasgow de 27 de Novembro, anunciava-lhe a passagem por Lisboa no «Cap-Finisterre», a caminho da America. Foi uma manhã de alvoroço nos seus aposentos do Metropole, onde o fui ver. Dir-se-hia que uma vida nova, um sangue novo lhe corria nas veias gastas. Conversou sobre tudo. Cheguei a supô-lo curado de repente. Mas, num momento, Bacelar encarou o espelho, deteve-se silencioso, e por fim disse: «Que diz você, corto o bigode»?

Larguei-lhe uma gargalhada: «Com que então, o noivo quer pôr-se bonito?»

Mas Bacelar não ria. Eu via-lhe no espelho pela primeira vez uma extranha fixidez no olhar.

As pupilas não tremiam como de costume. Pegou na navalha de barba... Fechou os olhos como qnem engole um remedio amargo e levou a lamina ás carotidas ... Adivinhei-lhe o pensamento, e, violentamente, segurei-lhe o braço.

—Está louco?

Então, laço o corpo caiu sobre a cama. Bacelar chorava.

—Que é isso?—inquiri.

—Nada meu amigo. Sofro. Agora que podia ser feliz, sinto que não tenho cabeça, «cabeça»!—E dizia isto, apertando as fontes...

—Está doido?—repeti.—Porque não ha-de ser feliz?

—Acha? Acha?—disse logo ele, com um sorriso... Mas era o tal diabolico de interrogativo que dava áquela mascara do Bacelar tão estranha expressão.

—Acha? Acha?

—Sim, meu amigo, será feliz...

* * *

Aqueles ultimos dias foram de preparativos intensos. Bacelar passou o dia de taxi, nos grandes estabelecimentos, a comprar, sem ver, sem discutir. Pedia lenços, camisas, ceroulas. Preguntavam-lhe como, medida, côr, qualidade. Dizia irritado: Para mim, bom,—e voltava para o automovel sem mais explicações.

Na vespera da chegada do paquete Desiderio jantou comigo. Estava realmente optimo. Ele proprio se serviu e respondeu «não» duas vezes ao creado, que insistia com um gelado.

Despedi-me dele tarde e deixei-o entregue ao ultimo arranjar da mala...

* * *

O que foi a tragedia dessa manhã,

CONTINUA NA PAGINA 8

NOVELA IRONICA COMPLETA

Boato alarmante

As preocupações do funcionalismo na ironica caricatura de Augusto Cunha. Pagina oportunissima.

ENCONTREI hoje alarmado o Inocencio. Como burocrata feito á pressa, os numerosos boatos que depois do ultimo movimento teem circulado pelos corredores dos ministerios deram-lhe volta á fragil mioleira. As palavras reorganisação, selecção, demissão, pezam-lhe no cerebro como balas.

Porque na sua qualidade de Inocencio, este meu amigo tem o defeito de acreditar em tudo o que lhe dizem. E usa deste excesso de credulidade para as coisas mais inacreditaveis.

Ha dias impingiram-lhe que os funcionarios seriam todos demitidos e todos os Ministerios ocupados por sargentos e praças, que de baioneta calada tomariam assento nas diversas secretárias. Inocencio chegou a casa com todo o aspecto de ter sofrido uma carga de baioneta.

Mas o facto de a baioneta ser calada foi o que lhe deu mais que falar.

A mulher não conseguiu convencelo da falta de base de tal noticia. Inocencio, sabendo que muitos dos seus colegas eram cabos e sargentos disfarçados, temia uma traição e continuava crédulo e vigilante.

Porem, dias depois, um outro boato veiu destruir o primeiro. Os funcionarios seriam todos mobilisados. Inocencio, que era paisano de nascença e sempre tivera horror á tropa, regressou ao lar, vergado já ao peso duma hipotetica mochila.

Nessa noite não dormiu. O seu sono entrecortado de vozes de comando, foi agitadissimo. Via-se no seu ministerio perfilado, apresentando em continencia, de braços estendidos, a caneta dos oficios, perante o olhar marcial do chefe da Repartição, fardado de general, de kepi, espada e com os galões cuidadosamente protegidos por um lustroso par de mangas de alpaca.

E á sua voz de: «sentido, preparar, molhar a pena, assinar... ponto», o Inocencio correu solicito a inscrever a sua rubrica, voltando logo á rigidez da posição inicial. Depois a voz inconfundivel do seu chefe tornou fanhosamente: «Ordinario, marche». Mas inexplicavelmente o Inocencio, fóra de toda a disciplina, num destes imperdoaveis esquecimentos do respeito devido aos superiores, recalcitrou ofendido: «Ordinario será ele; então não querem lá ver!» As consequencias foram terriveis, como é facil de supôr. A esta frase lamentavel seguiu-se o pezadelo do conselho de guerra, da sentença e do fuzilamento; e de manhã, a esposa do Inocencio encontrou-o estendido sobre o tapete, tragicamente contorcido entre o guarda-fato e a banquinha de cabeceira.

E' claro que todas estas comoções fortes trouxeram graves perturbações na vida pacatamente serena do Inocencio. Esta agitação não era para ele.

Se tivesse nascido um seculo atraz, por certo teria sido frade, para poder ter a vida metodicamente pautada entre o refeitorio e a cerca, na monotona regularidade das horas da missa e da sésta. Assim tinha conseguido afinal ser funcionario publico, para poder ter na vida uma regularidade quasi identica, entre as horas do ponto de entrada e de saida, no invariavel decorrer dos oficios, entre o «*tenho a honra de comunicar*» e o «*Deus guarde a V. Ex.ª*», depois transformado no «*Saude e Fraternidade*».

Esta mesma transição, por ser brus-

Via-se a apresentar armas com a caneta...

ca, tinha-lhe causado tambem sérios dissabôres. Nos primeiros dias, tão radicada estava nele a formula antiga, que da perturbação da rapida mudança resultou a expedição de alguns oficios terminando por um «*Deus lhe dê muita saude*» e uma vez mesmo, em logar do «*Saude e Fraternidade*», um «*Saude e Bichas*», todo patusco e nada protocolar.

Ora esta vida serena, toda suavidade toda calma, cortada agora por tão iconoclasticos boatos, perdeu todos aqueles tranquilos encantos doutrora. E o Inocencio anda perfeitamente transtornado.

—O que me assusta, dizia-me ele ha dias, são os concursos a que nos vão submeter. Em qualquer caso sou um homem liquidado. Ou me mandam logo para a rua, ou me mandam a concurso. Ora como neste 2.º caso o resultado vem a ser o mesmo do 1.º, vou já tratando de procurar um modo de vida.

—E o que era o Inocencio antes de ingressar na falange burocratica?—perguntei.

—Era farmaceutico.

—Então está governado, não tenho pena de si...

—Qual! já não me habituo de novo a fazer pilulas e lambedores; já não estou costumado.

—Sim, para quem já estava só habituado a fazer cera, hade custar um bocado. Mas não vejo por que razão o assustam os concursos! Você deve ter conhecimentos.

—Sim, tenho bastantes relações...

—Não; refiro-me a conhecimentos scientificos; á sua cultura. Você tem o curso de farmacia. Muitos estarão decerto em peores condições.

—Isso é o que lhe parece. Creia que no fundo as condições são identicas. Bem vê que nos concursos poderão perguntar-me como se faz um oficio, uma nóta ou um decreto, e nunca como se faz uma pomada, umas hostias ou um xarope.

—Mas como surgiu agora esta ideia dos concursos? insisti. Não será unicamente com o louvavel intuito de lhes arranjar um passatempo? Porque vocês devem aborrecer-se horrorosamente, Isto de fazer cera torna-se monotono.

—Isso sim! A ideia já é velha. Ha muito que se fala numa selecção do funcionalismo.

—Mas não percebo. Então essa escolha não é logo feita á entrada?

...tinham entrado no ministerio pelas janelas...

—Qual historia. Olhe, ali vai o meu chefe.—E o Inocencio indicou-me um cavalheiro, baixo, gordo, que se poderia parecer com tudo menos com um chefe.

—O que era este sujeito antes de ser funcionario?—inquiri.

—Antes de chefe de Repartição foi guarda-freio dos electricos.

—O Inocencio está brincando! E o outro que vai com ele?

—O outro é primeiro oficial.

—Mas o que era antes de o ser?

—Já era oficial.

—Do exercito?

—Não, de barbeiro.

—Mas, nesse caso, os funcionarios não estão distribuidos hierarquicamente, segundo as suas habilitações e a sua competencia!—pasmei eu, boquiaberto.

—Qual historia,—respondeu o Inocencio;—ora supônha o meu amigo umas centenas de individuos provenientes das mais diversas classes, castas e profissões; uns, com algumas habilitações, outros, com poucas, e outros com uma ausencia absoluta destes predicados. Supônha, por exemplo, agora, todos esses individuos atirados em massa, sem a menor escolha ou selecção, pelas janelas dos Ministerios para dentro das diversas secretarías, ficando portanto espalhados e distribuidos ao acaso, em melhores ou peores logares, conforme a maior ou menor força que os lançou. Numa palavra, suponha que onde cairam ficaram. Este, por exemplo, tinha o oficio de sapateiro; mas como caiu num logar de 2.º oficial, lá ficou fazendo uns oficios cuja redacção fica sempre a pedir uns contrafortes; porque ele entende que isto de fazer oficios é um oficio como outro qualquer e assim, segurando na pena com a mesma elegancia com que pega na sovéla, faz ali um decreto com a mesma naturalidade com que deita meias sólas. Aquele não sabe sequer escrever o seu nome, mas como caiu num logar de 1.º oficial, ficou arrumado. Ora foi pouco mais ou menos isto que se deu; e se o processo adoptado para a nomeação da maioria dos funcionarios não foi bem este, pelo menos o resultado foi o mesmo.

—Mas—exclamei eu, ainda sinceramente admirado—sempre imaginei que, por exemplo, um funcionario com determinadas habilitações estaria acima doutros que não tivessem nenhumas e abaixo daqueles que as possuissem superiores!

—Puro engano,—elucidou o Inocencio.—Isso das habilitações não quere dizer nada. Olhe, muitas vezes acontece encontrarmos, por exemplo, um funcionario com um curso superior num logar inferior e precisamente nos logares mais elevados funcionarios com cursos inferiores; tão inferiores que, nalguns casos, nem se distinguem á vista desarmada.

—Mas isso não é justo—protestei, como podem então os serviços publicos ser bem desempenhados dessa forma?

—Muitas vezes nem o chegam a ser,—informou ainda o Inocencio.—Porque desta forma ou melhor, com esta anómala e defeituosa distribuição, os competentes não fazem porque não lhes

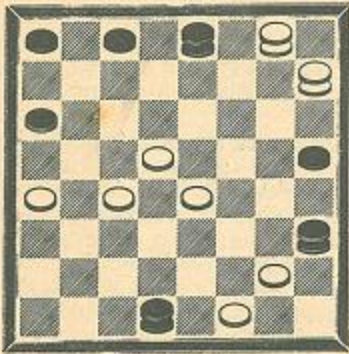
(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

Varia

solução do problema n.º 78

	Brancas	Pretas
1	2-6	9-2 (D)
2	1-6	2-9-18
3	3-7	11-2
4	22-26	29-22
5	26-19-6	2-9
6	5-14 23-32	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 79

Pretas 3 D e 4 p.

Brancas 2 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 77 os srs: Alfredo Costa (Barreiro), Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Ruy Freiria, Sueiro da Silveira, Um principiante (Carvalhos), Victor dos Santos Fonseca.

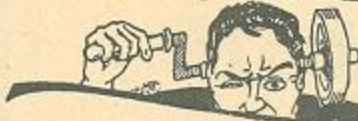
O problema hoje publicado é pelo sr. Artur Santos, dedicado a todos os amadores desta secção.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviada para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Candoso.

DESIDERIO BACELAR

(Continuação da pagina 8)

reconstituiu-se depois. Bacelar vestiu-se com esmero. Ao pôr a gravata Bacelar hesitou entre duas mantas de seda que comprara na vespera. Num crescendo, essa hesitação deu-lhe, cada vez mais intensa, uma crise da sua doença. Passou horas numa torva lucta interna, passeando como louco pelo quarto. Não vinham creados nem amigos. Passava-se a hora do embarque matutino. Como doido, Bacelar pegou nas maletas e envergou um casaco mesmo sem colarinho. Correu ao cais. Era tarde. O barco não atracara e o embaque fizera-se á hora pontual. Bacelar perdeu o vapor. Uma crise de desespero se apossou dele. Voltou ao quarto do hotel. Sobre o marmore do «toilette» estava o estojo de barba. Bacelar, desvairado, golpeou-se nas veias. Foi a unica decisão tremenda da sua vida!

O Reporter Misterio

N.º 1 — 2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES

25 JULHO 1926

ORDIGUES (Da T. E.)

Pela lotaria de 17 do corrente, foi sorteado o premio oferecido pelo nosso distinto colaborador AVIEIRA.

Foi contemplado o nosso ilustre confrade KURITSA, que tem o referido premio ao seu dispor na redação do «Domingo Ilustrado», R. D. Pedro V; 18.

Ao ofertante os nossos agradecimentos e mil parabens ao felizardo.

Apuramento do n.º 9 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO

N.º 8 — 3 votos

N.º 5, de AVIEIRA........... 2 votos
N.º 11, de MARIANITA........ 2 »
N.º 7, de ORDISI............ 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, MARIANITA, DAMA NEGRA, DR. DA MULA RUÇA D. GALENO (T. E.)

= 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

HENRICO (10), AULEDO, LORD DÁ NOZES (9), JAMENGAL, OÇALOC (8), D. SIMPATICO, VISCONDE DA RELVA (6), MIEL (7).

OUTROS DECIFRADORES

ALBERTO BÉCO, PIRICÁTA, JUFENA LOURENIFF e VIRIATO SIMÕES (4).

DECIFRAÇÕES

1—envidamente, 2—chicabequelababa; 3—*ENCANTADORA*, 4—picardia, 5—*fito*, 6—maroma, 7 *echonomo*, 8—compendioso, 9—malditsoso, 10—doesto, 11—*rabularia*, 12—bofetada 13—arrepia.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 1 de HENRICO com 5 decifradores

LOGOGRIFO

1
Ha no *palacio* alegria—3—5—1—5
onde, com prazer se come:—2
Na mansarda húmida e fria
choram crianças com fome,

Já perto *se* vê surgir—1—4
o clarão da Liberdade;
vem na terra construir—1—5—4
uma nova *sociedade*.

Lisboa — AULEDO

CHARADAS EM VERSO

(*Ao grande parodista e amigo* D. Paco (*marquez*)

2
Todos sabem que o D. Paco
«gostaria» de comer...
Mas o pancreas—que maldito!—
não o faz senão sofrer.

Ir p'rá meza, vêr os pratos
é p'ra ele uma *aflição*; 1
Que e-sopados!... que morcelas!...
Mas lá tocar-lhes... oh, *não!*—1

Ah, se o patife do pancreas
o deixasse mastigar
á vontade. . pai da vida!
«chegava-lhe» até fartar.

Assim, sem os bons petiscos
resta o «pingato»—um primor!—
Bebe... estala... bebe mais,
que ele é *grande bebedor*.

Lisboa — JAMENGAL

(Ao Rei-Fera)

3
Fiz uma linda novela
com *esmero* e mil cuidados,—2
sendo os personagens d'ela
actores já consagrados.

Lê-se talvez numa hora
com prazer *encantador*,—3
tanto que pensei agora
mandá-la a um editor.

E peço ao senhor «Rei-Fera»,
p'ra dizer-me num instante,
Se conhece nesta era
um editor *nigromante*.

Dafundo — D. SIMPATICO

CHARADAS EM FRASE

(A' distinta colega Mamego)

4 Num *bairro pobre em Góa*, houve grande *balburdia* por causa dum *homem intriguista*.—2—2

Lisboa — MARIANITA

(A' Menina Xó)

5 Porque *oculta* você com tanta *aflição*, esse *colar?* —3—1

Lisboa — CAMARÃO (G. E. L.)

6 O homem *que* possua energia, saber, e *bom* senso, de nada mais necessita para ser um verdadeiro *chefe*.—1—1

Lisboa — BAGULHO

7 *Colhe* para *ti* esse *fruto*.—2—1

Lisboa — MIEL

8 Pediste *em seguida* esse *dinheiro* por causa duma *confusão de palavras!*—2—3

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

9 Atravessar o Chiado *com* um *tal* movimento, e não ser atropelado, só por um *acaso!*—1—2

Lisboa — AFRICANO

10 *Por* causa dum *eclesiastico*, esteve preso o meu *padrinho*.—1—2

Lisboa — OÇALOC

11 *Acolá*, está um *animal* com um *presunto*.—1—1

Lisbôa — CALTAR

CORREIO

LORD DÁ NOZES.—Queira ter a bondade de dizer ao certo onde se verifica a sua charada que tem por conceito «*praia brasileira*»—2—3.

D. GALENO.—Recebi, muito obrigado. Será publicada no numero seguinte.

ADALBERTO BECO, JUFENA, LOURENIFF e PIRICATA.—E' de grande conveniencia, enviarem a colaboração em separado, bem como as listas de decifrações.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 15 e

PROBLEMA N.º 79

Por S. Magner

Pretas (1)

(Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 77

1 T. 4 D. T × T; 2 P R × P B
B × T; 2 P C × P
T × P; 2 T × P T

outras variantes evidentes

A manobra estrategica de intersecção mutua entre as duas peças pretas, T. e B., designa-se com o nome do compositor Nowotny (vidé problema n.º 68).

Note-se que intersecção Nowotny é caracterisada pelo sacrificio de uma peça branca na casa do cruzamento; não havendo sacrificio nessa casa a intersecção chama-se grimshaw.

Resolveram os srs.: Vicente Mendonça, Rev. Marques de Barros, Nunes Cardoso, Club Portuense (Porto) e Maximo Jordão.

Boato alarmante

(Continuação da pagina 7)

compéte e os que deviam fazer não fazem porque não sabem; e aí tem o meu amigo o motivo por que existem repartições onde ninguem faz nada.

—Mas, nesse caso—concluí—devemos dar o nosso inteiro aplauso aos tais concursos.

—Pois sim, mas com programa tão vasto—gemeu o Inocencio—ninguem pode aguentar-se.

Efectivamente o Inocencio apresentou-me então uma tal lista de materias a consultar, um tal programa de concursos, que a ser aplicado a todos, indistintamente, nem os directores gerais escapariam.

E afinal, para quê? Dada a competencia e as habilitações da maioria dos futuros candidatos, segundo o que depreendi das informações e da conversa do Inocencio, bastava um simples ditádo e uma conta de somar para reduzir o funcionalismo ás suas justas proporções.

AUGUSTO CUNHA

VARIA

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante. — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

Presados confrades

Em vista de alguns pedidos recebidos, para que fosse limitado o numero de dicionarios para verificação dos vocabulos empregados nos problemas de palavras cruzadas, resolvemos publicar a seguinte lista de dicionarios onde se deverão de futuro, comprovar textualmente, todos os termos empregados nos ditos problemas.

Dicionario de Candido de Figueiredo, 3.ª edição 2 volumes.
Dicionario etymologico de Silva Bastos, 1 volume.
Dicionario ilustrado de Henrique Brunswick, 1 volume.
Dicionario ilustrado de Francisco d'Almeida e Henrique Brunswick (Pastor), 2 volumes.
Dicionario universal de Francisco d'Almeida, 2 volumes.
Dicionarios de Fonseca e Roquete, 2 volumes (Sinonimos e Ling. Port.).
Dicionarios portuguezes (Povo) 1 volume, da Ant. Ling. de Henrique Brunswicki 1 volume.
Dicionario da Giria Portuguesa de A. Bessa, 1 volume.
Dicionario de sinonimos de José da Silva Bandeira, 1 volume.
Dicionario mitologico de José da Silva Bandeira, 1 volume.
Auxiliar do charadista de José da Silva Bandeira, 1 volume.
Dicionario do charadista de M. de Sousa, 2 volumes. Dicionario da fabula de Chompré, 1 volume.
Dicionario de nomes proprios de José Sebastião Pacheco, 1 volume.

DECIFRAÇÕES DO N.º 78

HORISONTAIS. — 1 meias, 2 carie, 3 airochloa, 4 uf, 5 fibrina, 6 lá, 7 sic, 8 arena, 9 rir, 10 alas, 11 Ema, 12 leme, 13 saião, 14 canôa, 15 malva, 16 repõe, 17 seńo, 18 ouvia, 19 anão, 20 mar, 21 sare, 22 uto, 23 ribas, 24 rôr, 25 dó, 26 camadas, 27 se, 28 Famalicão, 29 calôr, 30 oasis.

VERTICAIS. — 2 China, 6 limoeiro, 9 renovar, 12 lapís, 14 céo, 17 saúdo, 20 mimar, 23 ramo, 26 cal, 28 fá. 31 éa, 32 iif, 33 aria, 34 sobre 35 alna, 36 rôa, 37 ia, 38 musas, 39 créme, 40 parea, 41 filamento, 42 caiarão, 43 salão, 44 ovo, 45 cabal, 46 acreo, 47 radio, 48 saca, 49 sãs, 50 ai

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso distinto colaborador «Espectruz» e dedicado ao «Dr. Fantasma».

HORISONTAIS. — 1 choroso, 2 a favôr, 3 vento brando, 4 caixa, 5 abater, 6 bordeja, 7 amigo, 8 sortimento, 9 agradavel, 10 caminhar, 11 vazia, 12 capa, 13 imagem, 14 uva branca, 15 moeda, 16 fluido, 17 vida, 18 nome duma opera, 19 caminhava, 20 parentes, 21 adjunto, 22 laço, 23 enfeita, 24 atmosfera, 25 escura, 26 macaco, 27 pedra, 28 perversa (pl.), 29 medida (pl), 30 ave, 31 oco, 32 sulcar a terra, 33 notas musicais, 34 anel.

QUADRO DE HONRA

Menina Xó, Auledo, Espirita, Jormen, Adalberto Beco, Piricita, Jafena e Loureniff.

VERTICAIS, — 1 cota de malha, 2 casal, 5 rosto, 8 compassivo, 14 prefixo que significa duas vezes, 15 querida, 18 afeição, 28 oceano, 31 vasilha, 32 velocidade (fig.), 35 cobertura, 36 a classe inferior da sociedade (fig.), 37 sinal de paz (fig.), 38 nome de homem, 39 apelido, 40 peixe grande, 41 cerimonial de cada religião, 42 presa, 43 seco, 44 rica, 45 vazio, 46 oferece, 47 instrumento caseiro, 48 arvore, 49 mandará, 50 ata, 51 ocasião, 52 linguagem, 53 pena, 54 pedaço, 55 colocar, 56 mulher pequela, 57 altar, 58 ente, 59 fluido. 60 mofar.

CORREIO

JORMEN. — Recebi, muito obrigado. Está tudo excelente, e será publicado na sua devida altura.

Campo Pequeno

O aficionado Torres Pereira, amigo e admirador da «interminavel» familia Casimiro de Almeida, promoveu no domingo passado a corrida de touros, garraios e novilhos, para apresentação do «minusculo» cavaleiro de oito anos, Fernando de Almeida, filho mais novo do popular profissional José Casimiro de Almeida.

A concorrencia não foi além de meia casa, e o curro fornecido pelo sr. José Pinto Barreiros deixou bastante a desejar, pois que nem uma rez houve que se aproveitasse, quanto a bravura. Se não fosse a graciosidade do infantil cavaleiro e as pegas valentissimas do grupo de forcados capitaneado por Edmundo de Oliveira, a corrida redundava numa grande sensaboria, tendo ainda a prejudical-a o trabalho pouco luzido dos espadas José Belmonte e «Revertito II».

José Casimiro de Almeida cravou tres ferros compridos no primeiro touro, e da lide dos seus filhos Manoel e José houve apenas o esforço de Manoel, que colocou tres ferros compridos e dois curtos, sendo um destes muito bom; José Casimiro Junior não conseguiu sangrar o garraio que saiu em sexto lugar.

Mais uma alternativa foi concedida por Ribeiro Tomé ao ex-amador Carlos Madueño, que colocou um excelente par a quiebro e... nada mais.

Infatigaveis nos quites, os incansaveis auxiliares Ribeiro Tomé e Plás Flores.

Como o «clou» da tarde tivesse sido o pequenino Fernando, devo dizer que foi justa a carinhosa ovação que todo o publico lhe dispensou, não só pela sua valentia, que causou admiração, como pela forma correcta e distinta como se manteve firme na séla, em dois respeitaveis derrotes; cravou tres ferros num bravo novilho e promete um futuro brilhante de grande celebridade.

ZÉPÊDRO

GRAFOLOGIA

RESPOSTAS A CONSULTAS

LEVLA. — Temperamento impulsivo, um tanto prodigo e imprevidente, boa imaginação, orgulho espiritual, teimoso em certas coisas e fraco de vontade quando se dedica, lealdade, nervos fortes, sensualidade cerebral.

PEQUENITA. — Boa inteligencia, mais intuitiva que asimilavel, imaginação sonhadora, habilidade manual, um tanto de inconsciencia entre o bem e o mal, espirito ironico e critico sem má vontade, só para fazer espirito, pouca vaidade mas muito orgulho.

Lista das ultimas cartas recebidas nesta redacção sem dinheiro.

Juanita, Anitsevre, Nidia Silva, Estrela d'Alba, Esperança, Eugenia, Veritas, Móca, Romeiro, Trevo de quatro folhas, Um incrédulo, Ignotus, Alvaro X, Abohbot.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no sobrescrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para — *«A DAMA ERRANTE».*

RUA D. PEDRO V, 18, — LISBOA

Actualidades gráficas

OS QUE MORREM

O ilustre arquitecto da Camara Municipal de Lisboa Ascenção Machado, cuja morte recente enlutou uma familia de artistas.

UM GRANDE SALTO DO NADADOR LUBER

O professor Luber, grande nadador, saltando nas actuais provas de natoção de Franckfort.

NO TEATRO

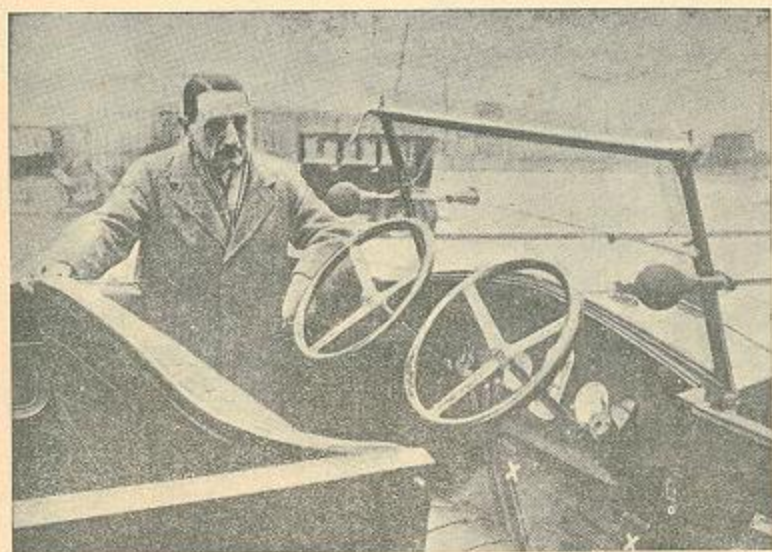
A brilhante «divette» Lina Demoel, estrela de teatro ligeiro, que vai actuar como primeira figura no Eden, na companhia José Climaco.

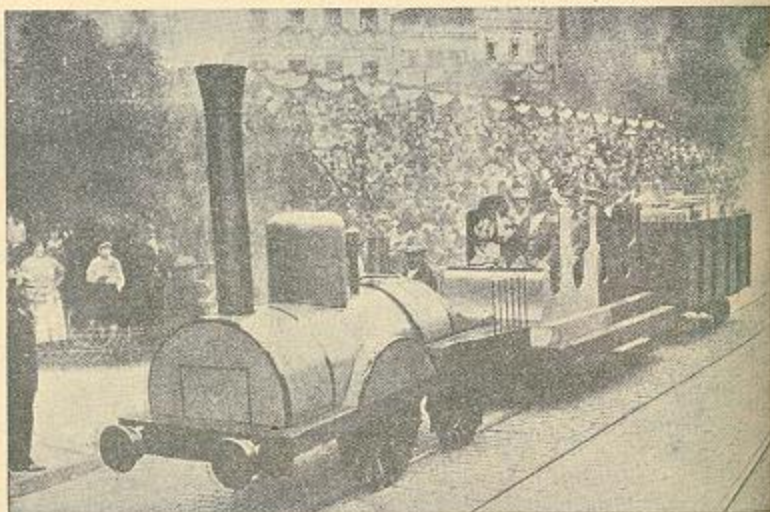
UM CURIOSO RECLAME NAS RUAS DE BERLIM

Troupe de ciclistas exibindo como reclame um seu exercicio de circo nas ruas de Berlim.

AS PATAS DA ESFINGE

Acabam de ser feitas descobertas sensacionaes, aparecendo as pátas da Esfinge, após escavações prolongadissimas. Ha muitos seculos que se supunha que a grande Esfinge tinha apenas a cabeça e parte do corpo.

COMO SE APRENDE A GUIAR AUTOMOVEIS EM PARIS

Dispositivo moderno, com dois jogos completos de direcção e movimento para professor e aluno, utilisados ultimamente nas escolas de condução.

O CENTENARIO DA LOCOMOTIVA

Com uma brilhantissima festa, realisou-se em Hamburgo a comemoração do centenario dos caminhos de ferro, cujo pitoresco cortejo, com uma reconstituição do primeiro comboio, damos nesta gravura.

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.